

EFEITOS DO CLG SOBRE OS ESTUDOS DE TEXTO/DISCURSO: CONTINUIDADE OU RUPTURA DE FUNDAMENTOS?

EFFECTS OF CGL ON STUDY OF TEXTS/SPEECH: CONTINUITY OR RUPTURE OF THEORETICAL FOUNDATIONS?

Carmem Luci da Costa Silva¹
Diego Vilanova Titello²

RESUMO: Este artigo procura responder à seguinte questão: *Como os fundamentos do CLG têm agido sobre uma Linguística centrada no emprego da língua, especificamente, centrada no estudo de textos?* A pergunta tem sua origem no questionamento de Benveniste (1995, p. 34) acerca do legado saussuriano à Linguística. O trabalho trata dos efeitos dos principais fundamentos saussurianos nos estudos de texto oriundos das abordagens de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot. Apresenta-se o papel das noções de *relação* e de *valor* nos fenômenos de sintagmatização e semantização nos estudos de texto de abordagem benvenistiana e nos fenômenos de orientação e encadeamento argumentativos nos estudos de texto de abordagem ducrotiana. As perspectivas de estudo de texto inspiradas nesses autores enfatizam que o sentido advém da relação de palavras *sintagmatizadas/encadeadas* no discurso. Trata-se do valor que as formas adquirem no discurso ao produzirem sentidos particulares relacionados às escolhas de quem enuncia.

PALAVRAS-CHAVE: CLG. Saussure. Discurso. Enunciação. Argumentação. Estudo de texto.

ABSTRACT: This article aims to answer the following question: *How have the theoretical foundations of CGL (Course in General Linguistics) been acting on a branch of Linguistics that focuses on language use, specifically, that focuses on studying texts?* The question arises from Benveniste's (1995, p. 34) questioning about Saussure's legacy to Linguistics. The paper addresses the effects of the main Saussurean foundations in the studies of texts arising from the approaches by Émile Benveniste and by Oswald Ducrot. We present the role of the notions of *relation* and *value* in the phenomena named syntagmatization and semantization in the studies of text built upon Benveniste's approach and in the phenomena of argumentative orientation and argumentative chaining in the studies of text based on Ducrot's approach. The text study perspectives inspired by these authors emphasize that the meaning derives from the relation of words that are syntagmatized/chained in the discourse. It consists of the value that the forms acquire in the discourse as they produce particular meanings relating to the choices of those who enunciate.

KEYWORDS: CGL. Saussure. Discourse. Enunciation. Argumentation. Study of text.

1 Considerações iniciais

“O que foi que Saussure trouxe à Linguística de seu tempo, e em que agiu sobre a nossa?”. Essa questão foi lançada por Benveniste (1995, p. 34)³ no texto *Saussure após meio século* – produzido em homenagem ao mestre –, após cinquenta anos de sua morte. De modo análogo a Benveniste, estamos escrevendo em homenagem a Saussure pelo que possibilitou nascer com suas aulas: *o Curso de Linguística Geral* (doravante CLG). Decorridos cinquenta e três anos da formulação de Benveniste, lançamos neste artigo uma questão semelhante: *Como Saussure tem agido sobre a nossa Linguística?* Mais precisamente buscamos

¹ Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: clcostasilva@hotmail.com

² Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLetras/UFRGS), bolsista integral da Capes. Endereço eletrônico: diego.titello@yahoo.com.br

³ O texto “Saussure após meio século” foi publicado originalmente em 1963 na obra *Cahiers Ferdinand de Saussure*. A publicação brasileira integra o livro *Problemas de Linguística Geral I* em sua primeira parte, Transformações da Linguística.

responder: *Como os fundamentos do CLG têm agido sobre uma Linguística centrada no emprego da língua, especificamente, centrada no estudo de texto?*

Endereçando uma carta a Meillet em 4 de janeiro de 1894, reproduzida por Benveniste (1995, p. 40), Saussure confessa estar desgostoso com o trabalho da Linguística de seu tempo e aponta a necessidade de mostrar ao linguista *o que ele faz*. Essa seria a primeira tarefa da Linguística: mostrar ao linguista “o que ele faz”, a que operações preliminares se entrega quando aborda os dados linguísticos. Essa tarefa se desdobra no seguinte princípio enunciado no *CLG*: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (*CLG*, 1997, p. 15). Outras Ciências trabalham com objetos dados previamente. E a Linguística? Qual é o objeto? É a questão lançada na abertura do *CLG*, no capítulo “objeto da Linguística”. Que outras *aberturas* essa questão promove ao leitor atento?

A resposta a essa questão encontra-se no *CLG*, obra que permitiu a Saussure, depois de morto, agir sobre a nossa Linguística. Foram dois grandes linguistas – Albert Sechehaye (1870-1946) e Charles Bally (1865-1947) – os responsáveis por divulgar as ideias do chamado “pai da Linguística, por meio de anotações realizadas pelos alunos de seus cursos, ministrados em 1907, 1908/1909 e 1910/1911 na Universidade de Genebra.

O *CLG* é um discurso fundador, como pontuam Fiorin, Flores e Barbisan (2014) no texto “Por que ainda ler Saussure?”, que abre o livro *Saussure: a invenção da Linguística*. Ao mesmo tempo em que funda também projeta outros discursos. Interessa-nos refletir nesse texto os efeitos dos principais fundamentos saussurianos nos estudos de texto. Para essa discussão, apresentaremos pontuações sobre esses fundamentos para depois pensar como agem sobre nós, estudiosos de texto, inspirados nas abordagens enunciativas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot.

2 Saussure: o linguista dos fundamentos

“Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos”, observa Benveniste (1995, p. 35). De fato, na diversidade de dados empíricos e na consideração da linguagem como atividade humana, em que estão associados diferentes fatores – biológicos, físicos, psíquicos, individuais, sociais, históricos, estéticos e pragmáticos – qual deles pertence à língua? Ir aos fundamentos é o único meio de responder. Para que um dado possa existir como *fato* é preciso delimitá-lo, visto ter existência a partir da definição que lhe damos.

Para chegar à língua, o *CLG* apresenta a linguagem como uma faculdade dos indivíduos – física, fisiológica e psíquica – por isso multiforme e heteróclita. À língua é concedido o primeiro lugar entre os fatos de linguagem. Concebida como instituição social, o *CLG* apresenta a argumentação de Saussure de que “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua” (*CLG*, 1997, p. 18). Vemos, no *CLG*, Saussure anunciar a indissociabilidade homem-linguagem para explicar a língua como fato humano relacionado à sua dimensão social. Eis um dos fundamentos saussurianos: a língua, como um dos fatos da linguagem, é atividade humana e um tesouro pertencente a todos os indivíduos de uma mesma comunidade. A língua, portanto, como a parte social da linguagem, é o objeto da Linguística, ramo da Semiologia, ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social. E uma das tarefas do linguista é a de definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto de fatos semiológicos. Essa é uma das respostas que encontramos no *CLG* para as tarefas do linguista, que precisa perceber que a língua não é nomenclatura e que escapa à vontade individual. Aí reside a propriedade da língua e sua relação à Semiologia: “o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial”. (*CLG*, 1997, p. 25). Por isso, o problema linguístico é antes de tudo semiológico. Eis um fundamento importante, pois “se se quiser

descobrir a natureza da língua será necessário considerá-la no que ela tem de comum com todos os outros sistemas de mesma ordem.” (*ibidem*).

A língua, como o tesouro da coletividade, é de ordem psíquica; e é justamente a faculdade de associação e de coordenação, desde que não se trate mais de signos isolados, que tem o principal papel na sua organização enquanto sistema. E aqui encontramos um dos fundamentos saussurianos: a língua é um sistema de signos. Esse sistema está relacionado à comunidade de falantes (social), enquanto a fala, realização da língua, está relacionada ao falante “e dela o indivíduo é sempre senhor” (CLG, 1997, p. 21). No entanto, Saussure adverte: “Existe, pois interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.” (CLG, 1997, p. 27). Ao dar primazia à língua, um dos fundamentos, Saussure não descarta a fala, mas a considera na interdependência com a língua. Na verdade, assim como o signo linguístico é tomado em relação ao signo semiológico; um fato de fala é considerado na medida em que se revela como um fato de língua.

Com o CLG, Saussure criou um novo objeto para a Linguística, a *langue*, e enunciou seus principais fundamentos: a linguagem é fato humano; o signo é um fato semiológico; a língua – sistemas de signos – é uma instituição social; o signo linguístico, como fato semiológico, é arbitrário; há interdependência entre língua (social) e fala (individual). Sua reflexão de língua passa pelo falante inserido na sociedade.

Como esses fundamentos desdobram-se no discurso fundador do CLG? Que efeitos esses desdobramentos tem se considerarmos a língua em emprego? Qual é a importância do CLG para os estudos linguísticos de textos que herdaram seus fundamentos? Procuraremos responder tais questões na sequência deste texto.

3 O CLG e os fundamentos linguísticos

A Linguística iniciada, a partir do CLG, leva em conta os fundamentos saussurianos de que a língua “é um sistema que conhece apenas sua própria ordem” (CLG, 1997, p. 31); “é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (CLG, 1997, p. 102) e de que a Linguística “tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (CLG, 1997, p. 271).

Ora, não é difícil perceber que, em todos esses princípios, o foco recai na língua, que, segundo Saussure, não equivale a uma nomenclatura; o próprio conceito de signo formulado pelo linguista não implica o privilégio da referência à coisa extralinguística, mas ao contrário, sua integração a um sistema que conhece sua própria ordem.

Essa nova concepção de língua como sistema de signos não superposta à realidade promoveu uma grande ruptura em relação ao modelo do convencionalismo clássico, em uma tradição que remonta à Aristóteles com a sua crença de que a língua é um sistema de representações/designações que se sobrepõe à realidade: o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (CLG, 1997, p. 80). É a essa perspectiva aristotélica que Saussure se recusa veementemente, posto que, para ele, a língua não tem nada que a associe às coisas. Por meio dessa definição, verificamos que é por meio da *relação* entre essas duas faces que o signo adquire *valor*, isto é, integra-se ao sistema do qual faz parte, *significando na e para* a consciência dos falantes, uma vez que é esta a pedra de toque responsável por definir as unidades da língua.

Assim, e isto está bem destacado nos fundamentos elencados acima, sublinha-se a ideia de que, na Linguística fundada por Saussure, tudo o que for estranho/externo ao sistema não interessa ao linguista, cabendo a este se ocupar com a descrição do funcionamento da língua enquanto sistema de signos, e não enquanto etiquetas que se aplicam a objetos previamente existentes. A formulação da concepção de sistema, atrelado a ele, a de valor,

faziam-senecessárias para o empreendimento teórico de Saussure, para que os linguistas da época não continuassem persistindo na ideia da língua como nomenclatura.

A organização imprimida pelos editores ao CLG, ou talvez a falta de uma leitura mais atenta e sofisticada por parte dos seus leitores, como requiere uma obra fundadora para a Linguística, impediu que se visse o fundamental, a ideia nuclear, que é a noção de sistema. Se passarmos uma vista de olhos por alguns trechos do CLG, encontramos Saussure obstinado na ideia de que o signo isolado não existe, ele só existe dentro do sistema, a partir da relação que estabelece com os demais. A partir dessa reflexão, torna-se claro que a relação entre a definição de língua como sistema de signos e a elaboração da tese do valor como princípio de funcionamento da língua é uma via de mão dupla, uma vez que o linguista só conseguiu desenvolver tal princípio a partir do momento que operou uma delimitação da língua como objeto de estudo da Linguística, definindo-a como sistema, ao passo que, por outro lado, a delimitação da língua só pôde ser melhor concebida quando ele lança mão da noção de valor como fundamento da relação entre os signos, sendo o responsável por proporcionar à língua essa ordem própria que lhe é intrínseca.

A Linguística saussuriana apresenta-se como uma proposta de pensar a significação fora do quadro das semânticas clássicas, a partir da compreensão de que não há identidade possível para o signo fora do sistema, uma vez que toda a questão do sentido para Saussure está nas diferenças que os signos estabelecem dentro do sistema, não existindo um *a priori* possível à medida que o valor de um termo “resulta tão somente da presença simultânea de outros” (CLG, 1997,p.133). Assim, a despeito da leitura estruturalista imposta a Saussure, defendemos que o CLG não propôs uma dicotomia entre significante e significado. Ao contrário, os dois termos estão absolutamente enlaçados no interior do sistema linguístico, e é justamente dessa relação que nasce o signo e a possibilidade de ele constituir valor na língua.

Ao falarmos de *relação, signoe valor*, é impossível não falarmos, ainda que sumariamente, das duas formas de os signos se relacionarem no sistema: as relações associativas e as sintagmáticas. A primeira não é linear, existe na memória, na consciência do sujeito falante em relação ao sistema coletivo, visto que o número de associações possíveis em uma língua depende, na maioria das vezes, do falante como pertencente a uma coletividade. Por sua vez, as relações sintagmáticas trazem a questão da linearidade, que deve ser relativamente seguida pelo sujeito falante: nesse tipo de relação, a língua impõe alguns limites ao sujeito, através do alinhamento dos signos “um após o outro na cadeia da fala” (CLG, 1997,p. 142).

O linguista genebrino, no CLG, destaca que, na língua, todos os termos são solidários, por isso o signo, unidade resultante do enlace entre significante e significado, será de igual modo a contraparte dos outros signos da língua. Desse modo, o sentido de um signo é feito de sua oposição com os outros, daí a ideia de que não existe positividade na língua: só a diferença importa, pois os valores na língua se constituem sobre o que é fundamentalmente diferencial e negativo.

O princípio nuclear de sua Linguística, o de valor articulado com a noção de sistema, vem colocar em questão algumas das críticas que afirmam que Saussure desconsiderou a problemática da significação e do dinamismo da língua. Por isso, uma reflexão sobre a noção de valor linguístico, como a encontramos no CLG, aponta-nos para uma possibilidade de compreender a língua em Saussure como um sistema em constante movimento e aberto a rupturas, rejeitando, portanto, a falácia estruturalista da tese da homogeneidade da língua. A própria noção de arbitrariedade do signo constitui exemplo capital do modo de abertura da perspectiva saussuriana para o sentido, já que ao dizer que os signos não têm relação com aquilo que eles designam, ele imprime uma diferença radical em relação ao pensamento que vigorava no século XIX, aquele que se importava pela relação direta entre linguagem e objetos.

Para o mestre, aquilo que emana do sistema não são ideias dadas de antemão, mas sim valores “puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica é ser o que os outros não são” (CLG, 1997, p.136). Concluimos, pois, que a noção de valor linguístico nos faz compreender, mais do que qualquer outra característica atribuída à língua, a sua essência enquanto sistema completamente desprovido de substância, importando apenas os valores dos signos que se definem pela pura diferença com outros signos da língua. É justamente o caráter relativo do valor que faz com que o sentido dos signos não esteja previamente determinado. É a relação – tanto associativa quanto sintagmática – entre os signos que produz valores como elementos que informam o jogo de sentidos na língua.

No próximo item, procuraremos construir uma argumentação em torno da seguinte questão: como as noções de *relação* e *valor* têm agido sobre uma Linguística centrada na língua em emprego?

4 Os fundamentos saussurianos de *relação* e *valor*: efeitos nos estudos de texto

O objetivo desta seção é discutir de que modo as noções de *relação* e *valor*, desenvolvidas por Saussure a partir do seu grande axioma de que a língua é um sistema de signos, podem agir sobre uma Linguística que toma, como seu objeto de estudo e análise, a língua em emprego, materializada nos diferentes textos que são produzidos nas variadas situações de interlocução. Nosso objetivo, em si, já contém um pressuposto: acreditamos que os fundamentos saussurianos trazem importantes efeitos para o âmbito dos estudos do texto, especialmente os atrelados às reflexões enunciativas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot.

Vimos anteriormente que, na Linguística fundada por Saussure, o valor de cada signo só se dá *na* e *pela* relação, uma vez que o signo isolado nada significa; trata-se, assim, de noções – *relação* e *valor* – que se reclamam.

Dito isso, pretendemos, neste momento, promover uma reflexão sobre o modo como as abordagens enunciativas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot leram as noções de *relação* e de *valor*, e que efeitos *essas leituras* têm para os estudos do texto, principalmente àqueles que procuram dialogar com questões relativas ao ensino de Língua Portuguesa.

4.1 Benveniste e a sintagmatização: o princípio da relação e o sentido no discurso enunciado⁴

Parafrazeando Benveniste, procuramos neste item responder: “Em que Saussure agiu sobre a Linguística benvenistiana, mais especificamente, como agiu em sua reflexão sobre a língua-discurso?” Sabemos que a presença de Saussure na obra benvenistiana é constante. Benveniste cita-o ora para ancorar a sua reflexão, ora para negá-lo; ora para continuá-lo. É o que atesta Flores (2013, p. 50):

Benveniste toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele. Benveniste mantém, altera e mesmo nega Saussure para construir sua visão de linguagem. Então, é de um encontro de que se trata, no sentido mais amplo da palavra.

⁴ Como lembra Flores (2013), não cabe ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. No entanto, neste item, traremos textos de Benveniste de diferentes momentos para construir uma resposta à pergunta do item e para produzir uma resposta à pergunta geradora do artigo. Sabemos que os artigos *Da subjetividade na linguagem*, originalmente publicado em 1958, *A forma e o sentido da linguagem*, publicado originalmente em 1967, e *O aparelho formal da enunciação*, publicado originalmente em 1970, são textos de momentos distintos da teorização de Benveniste, mas que se encontram entrelaçados na teorização enunciativa proposta pelo linguista e relacionados à reflexão que propomos neste artigo.

Interessa-nos aqui, inicialmente, o diálogo que Benveniste estabelece com Saussure em “A forma e o sentido na linguagem”: “compete-nos ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1989, p. 224). Para Benveniste (1989), com a noção de signo linguístico, Saussure abriu o caminho para uma descrição das unidades semióticas, que devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido. Pensar o signo como unidade semiótica é percebê-lo como dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua. Assim, defende:

tudo que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intra-lingüístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa. (BENVENISTE, 1989, p. 227)

Do semiótico ao semântico, o linguista pontua uma mudança. O semiótico caracteriza-se como uma propriedade da língua, enquanto o semântico resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação: “com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua” (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 230). E aqui precisamente Benveniste constata que o “sentido” (na acepção semântica) se realiza *nae por* uma forma específica, aquela do sintagma. De um lado, a substituição; de outro, a conexão, operações típicas e complementares. Sobre o fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, produzida pela sintagmatização das palavras, em que cada uma não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Esses dois modos de ser língua – semiótico e semântico –, organizados na forma e no sentido, fundamentam-se, como vemos, no princípio da relação condicionado à significação.

A esse respeito, Normand (2009, p. 175) salienta que, para Benveniste, é evidente que uma particularidade formal somente tem valor linguístico se estiver ligada a uma particularidade de sentido. Para a autora, a questão da significação em Benveniste situa-se justamente no que chama “cartilha saussuriana”: “é *porque* e somente porque elas significam que formas podem ser linguísticas.” (NORMAND, *op. cit.*, p. 177). Ainda complementa: “Benveniste (...), interpretando as formas, mostrando que elas permitem significar (sua função) ele se ocupa exatamente do que o sujeito “diz” do mundo” (*idem*). Assim, o linguista voltava-se contra análises que estivessem estritamente ancoradas na forma: invocou, pois, a relação intrínseca, por meio da diferença, entre forma e sentido, retomando e desenvolvendo o cerne da teoria saussuriana.

Sob essalente teórica benvenistiana, que parte da língua-sistema de Saussure para propor uma língua-discurso, vislumbramos a interdependência homem-linguagem, pressuposto filosófico enunciado em Da subjetividade da linguagem, alicerce da abordagem linguística de Benveniste:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (BENVENISTE, 1995, p.285).

É por meio dessa relação indissociável entre linguagem e homem que Benveniste propõe o que chama *aparelho formal da enunciação* através do qual desenvolva noção de enunciação como ato individual de apropriação da língua pelo locutor, ato este que, em seu aspecto de conversão da língua em discurso, articula forma e sentido na atribuição de referência pelo locutor, que, ao se enunciar, faz a passagem para sujeito. A busca de resposta

para o modo como o sentido se forma em palavras conduz Benveniste a inserir a semantização no centro da análise da significância por meio do estudo dos “procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (BENVENISTE, 1989, p. 83).

Por isso, forma-sentido são noções gêmeas, que convivem em toda a extensão da língua, princípio que não está em desacordo com o postulado saussuriano, que concebia a noção de signo como uma entidade que recebe valor no sistema a partir da sua relação com os demais signos. Para Benveniste, é *na* e *pela* enunciação que as unidades semióticas se convertem em palavras, unidades que adquirem sentido através da convivência e convivência com outras palavras no interior do discurso(texto)⁵, espaço em que as oposições entre *eu*, *tu* e *ele* são definidas e marcadas no repertório das formas dadas pela língua. Em outros termos, o que interessa para a Teoria da Enunciação de Benveniste são os efeitos de sentido produzidos pelo locutor por meio da escolha de determinadas formas linguísticas e do agenciamento sintagmático dessas formas; o estudo do sentido intimamente atrelado à forma. Como vemos, Benveniste põe em relevo uma sintagmática do discurso, em que as formas agenciadas e engendradas pelo locutor são produtoras de sentido.

Assim, através da realização da língua, surpreendemos a presença do sujeito falante, já que é sempre ele que coloca o sistema em uso, acionando, simultaneamente, relações associativas e sintagmáticas. Essas duas relações de valor se materializam *na* e *pela* enunciação, compreendida como ato de sintagmatizar – agenciar/relacionar formas no discurso – empreendido pelo locutor com a finalidade de semantizar, ou seja, produzir sentidos para o interlocutor.

Aya Ono (2007, p. 69) argumenta que, na operação da sintagmatização, movimento criador da frase, “há acordos e desacordos entre as palavras, a fim de criar um arranjo harmonioso e um sentido global”. A apropriação da língua para a produção de sentidos no discurso implica a mobilização de itens lexicais e gramaticais pelo locutor e sua organização em certo arranjo sintagmático, ou seja, a *relação* entre as palavras na frase é criadora do *valor* do discurso: “o sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; esse sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 1989, p. 230).

Acreditamos que a consideração de noções como forma, sentido, frase, sintagmatização e semantização, capitais para o projeto teórico de Benveniste de estudar a significação na linguagem e que guardam, a nosso ver, íntima relação com os conceitos saussurianos em foco neste artigo, pode trazer resultados muito significativos no que diz respeito às práticas de leitura, escrita e análise linguística em sala de aula. Acerca dessa relação que buscamos promover entre a linguística benvenistiana e os estudos do texto, as palavras de Mello (2012, p.13) são esclarecedoras: “[...] o estudo dos textos, em termos pedagógicos, tem muito a ganhar se for contemplado pelo olhar da Teoria da Enunciação benvenistiana, uma vez que partirá da concepção de forma e sentido como noções gêmeas, focalizando o *quê* (semantização) e o *como* (sintagmatização) dos textos [...] Pensamos que, se nosso olhar se dirigir para o ‘*como*’, apreenderemos o ‘*o quê*’”.

Como pudemos observar nesse item, a enunciação diz respeito a este estar do homem no mundo por intermédio da linguagem, ao colocar a língua em funcionamento por meio de um ato singular de utilização, que coloca sempre, em estreita relação, homem e língua, nascendo e *renascendo*, dessa relação, o sujeito. Desse modo, se a linguagem, conforme nos ensina Benveniste, serve para *viver*, as operações de sintagmatizar e semantizar tornam-se

⁵ A reflexão aqui apresentada, com base na proposta benvenistiana, coloca texto e discurso como termos correlacionados, conforme estudo de Knack (2012), em que o discurso ou a frase constituem um exercício de linguagem do locutor e, ao mesmo tempo, materializam essa ação de colocar a língua em funcionamento.

condição para o locutor experienciar-se na linguagem como sujeito, reinventando sua língua a cada ato de produção de discurso para produzir sentidos singulares a outros.

4.2 Asnoções de relação e de valor na Teoria da Argumentação na Língua

Retomamos a questão inicial: “Em que Saussure agiu sobre a Linguística ducrotiana, mais especificamente, como agiu em sua reflexão sobre a argumentação na língua?”

No CLG, conforme apresentado na primeira seção, a noção de valor é pensada a partir das relações associativas (*in absentia*) e sintagmáticas (*in praesentia*). Deslocar tais noções para a língua em emprego envolve estudá-las na dimensão do enunciado/discurso, mas considerados em relação à língua, sistema de signos. Essa é a proposta de Ducrot para o estudo da língua em emprego, que adota o fundamento saussuriano de obedecer a “ordem própria da língua” (CLG, 1997, p. 31).

De fato, a autonomia da ordem linguística é bastante discutida por Oswald Ducrot, que enfatiza, em vários textos, o fato de a linguagem não descrever diretamente a realidade. Por isso, defende, em seu estudo, que a língua, realizada em enunciados/discursos (língua em emprego), não pode ser reduzida à função informativa. Desse modo, descarta o pressuposto referencialista, em que a descrição é baseada nas condições de verdade, e o pressuposto cognitivista, em que a explicação do sentido é baseada no pensamento. Para ele, o sentido dos enunciados é constituído não em relação ao extralinguístico ou ao pensamento, mas pelas relações argumentativas que ligam os enunciados, os segmentos no interior dos enunciados e as próprias palavras. É o próprio discurso que é doador de sentido, já que a palavra atualiza no discurso o sentido argumentativo. O autor enfatiza a sua concepção de autonomia da língua atualizada no discurso e não dependente do mundo na seguinte passagem:

o mundo aparece, no enunciado, por meio da exploração discursiva do qual ele é objeto [...] o que preexiste à fala é uma situação sem limites (...): a fala traz com ela os limites e os pontos de vista que tornam essa situação utilizável para a interpretação. (DUCROT, 2005, p. 14)

Como salienta Barbisan (2007, p. 122), para Ducrot, “É a partir das palavras que a enunciação e seu contexto devem ser caracterizados, porque a escolha das palavras cria uma imagem da fala e essa imagem é pertinente para a compreensão do discurso. É o discurso, produzido pelo locutor, que estabelece o contexto: este não preexiste ao discurso.”

Nesse deslocamento do CLG para a Teoria da Argumentação na Língua (ANL), Ducrot (1990) concebe a significação como valor semântico da frase (entidade abstrata) e o sentido como valor semântico do enunciado (entidade concreta). Para o linguista, a significação contém instruções dadas àqueles que irão interpretar o enunciado da frase. Essas instruções comunicam o que deve ser feito para descobrir o sentido, que é particular a cada vez que uma frase é atualizada em enunciado. O sentido, enquanto valor semântico do enunciado, é produzido quando são obedecidas as indicações dadas pela significação da frase, cuja natureza é instrucional, aberta.

Ao defender que o enunciado/discurso apresenta indicações de sua enunciação, Ducrot argumenta que “o sentido de um enunciado refere a sua enunciação, apresentando indicações sobre o fato de sua aparição, sobre o valor desta aparição” (DUCROT, 1984/Entrevista à Revista Punto de vista, p. 24). E o valor dessa aparição está ligado às relações argumentativas que ligam os enunciados, os segmentos no interior dos enunciados e as próprias palavras no interior de cada discurso. Por isso, Ducrot, ao defender que “a argumentação está na língua”, axioma presente em várias fases de sua teoria enunciativo-argumentativa, mostra que o discurso é doador de sentido, porque as palavras e suas relações no fio do discurso, como escolhas linguísticas do locutor, argumentam.

Por isso, em sua concepção de argumentação, o linguista propõe-se a unificar os aspectos objetivos, subjetivos e intersubjetivos envolvidos no uso da língua no que chama valor argumentativo, que é definido como a orientação que uma palavra dá ao discurso. De fato, como ressalta Barbisan (2007), a Teoria da Argumentação na Língua rejeita a distinção entre denotação (aspecto objetivo) e conotação (aspecto subjetivo), visto Ducrot considerar que, na linguagem, não há uma parte objetiva e, por meio dela, não se tem acesso direto à realidade. Se a linguagem descreve o mundo, isso é feito por meio dos aspectos subjetivo e intersubjetivo, fato que a torna tema para o debate entre indivíduos. Desse modo, o locutor, ao apreender a realidade de modo particular, chama o interlocutor a participar de seu discurso. A atitude do locutor diante da realidade (aspecto subjetivo) e a convocação que faz ao interlocutor (aspecto intersubjetivo) estão unificadas no valor argumentativo das palavras no discurso (DUCROT, 1990). Em outras palavras, quando o locutor emprega a língua para referir-se à realidade que o cerca, ele não o faz de modo objetivo, mas reconstrói o mundo com base na interpretação que produz –que verbaliza – , por meio da língua em emprego. Enunciar, assim, para o autor, é um acontecimento ligado ao aparecimento de enunciados/discursos, que trazem a posição do locutor sobre a realidade que o rodeia.

Tal postura faz com que sua semântica argumentativa não leve em conta aquilo que conhecemos da realidade de que falam os discursos em análise e focalize sua atenção naquilo que a língua expressa e também no modo como o locutor produz sentidos. Nessa linha de pensamento, a língua assume um caráter de enfrentamento argumentativo entre seus falantes, uma vez que produzir discurso implica impor ao outro seu modo particular de conceber o mundo, atestando, desse modo, a natureza argumentativa da linguagem.

Nesse caso, o valor argumentativo de uma palavra é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva. Por isso, salienta que o valor decorrente do sentido do enunciado está nas indicações ligadas à sua aparição. Tal valor emerge das relações argumentativas estabelecidas pelo locutor no interior de seu enunciado ou discurso. Esse é o princípio fundamental da descrição semântica ducrotiana em sua teorização sobre a argumentação na língua, cujo desenvolvimento atual é a Teoria dos Blocos Semânticos, proposta por Marion Carel - radicalização da ANL. As argumentações não devem ser consideradas raciocínios lógicos, mas como constituídas por duas proposições, ligadas por um conector que pode ser *portanto* (argumentações normativas) ou *no entanto* (argumentações transgressivas). Os encadeamentos *portanto* e com *no entanto*, que colocam em relação entidades lexicais para construir encadeamentos normativos e transgressivos, fundamentam-se nas noções saussurianas de *valor* e de *relação*. Por isso, para Barbisan (2014), o trabalho de Ducrot, embora seja devedor do pensamento de Saussure, não o continuou, produziu uma semântica sintagmática da língua.

Eis o modo como acreditamos que Saussure agiu sobre a Teoria da Argumentação na Língua e age sobre os estudiosos de texto que seguem os fundamentos ducrotianos.

5 Considerações finais

Como o CLG tem agido sobre uma Linguística centrada no emprego da língua, especificamente, centrada no estudo de texto? Essa é a pergunta que formulamos em nossa introdução.

As reflexões sobre linguagem, língua, enunciação e discurso de Benveniste e Ducrot têm sido deslocadas para os estudos de texto e, nesses deslocamentos, comparecem as noções saussurianas de *relação* e de *valor*. Por isso, concebemos que o CLG projeta para o campo enunciativo outros discursos como lugares de continuidade e de diferença, mas não de rupturas. As análises priorizam mais o modo como os elementos de um discurso estão relacionados, organizados, sintagmatizados para produzir determinados sentidos do que

propriamente o conteúdo do dito. Em outros termos, as abordagens enunciativas benvenistianas e ducrotianas se preocupam, para fazer uso de uma expressão do próprio Benveniste, em “ver como o sentido se forma em palavras”, o que implica em dar destaque ao agenciamento de palavras, à sua organização sintática, a ação de umas palavras sobre as outras, ou seja, ao processo de sintagmatização, que está sempre atrelado, conforme discutimos, à semantização.

Como consequência disso, as abordagens de texto oriundas desses autores enfatizam que a ação de uma palavra sobre outras aponta para sentidos particulares produzidos por quem se enuncia. Portanto, essas teorias ensinam a nós, estudiosos do texto e interessados no ensino de língua materna, que devemos considerar mais os efeitos de sentido que o locutor produz ao enunciar e o fato de dizer o que diz – da maneira como o diz – do que aquilo que efetivamente é dito. E aqui a noção de valor em Benveniste relaciona-se com a de sintagmatização, de agenciamento e de arranjo de formas no discurso. Já em Ducrot vincula-se à ideia de orientação argumentativa e de relação entre entidades lexicais e segmentos, uma vez que os sentidos argumentativos são constituídos por elementos que se encadeiam. Daí emerge a atitude do locutor e, por meio dela, o alocutário é convocado a se enunciar.

Tanto Benveniste quanto Ducrot, inspirados nos conceitos saussurianos de *relação* e de *valor*, empreendam suas análises sempre pautadas pela noção de significação, que é transversal a todos os níveis linguísticos, apontando para uma análise da língua que não cabia nos limites da forma pela forma. Os autores defendem, reservadas as especificidades relativas ao construto teórico de cada um, que a existência da forma se encontra intrinsecamente atrelada ao sentido na relação língua-enunciação.

Acreditamos que as reflexões trazidas neste artigo, pautadas nos efeitos que as noções saussurianas de *relação* e *valor* tiveram para as abordagens enunciativas de Benveniste e Ducrot, podem trazer contribuições significativas para uma prática de ensino em sala de aula, que se centre no emprego do sistema linguístico nas distintas situações de interlocução vivenciadas em sociedade. Sabemos que a nova realidade do ensino brasileiro acabou intensificando a preocupação dos professores quanto à qualidade e produtividade do ensino de língua materna, ainda mais no que tange à leitura, à escrita e à gramática.

É importante destacar que há a consciência, por parte de muitos professores do meio escolar, de que a gramática, concebida por nós enquanto funcionamento linguístico no discurso, se trabalhada em sala de aula – sob uma perspectiva metodológica tradicional com dissociação de forma e sentido – não produz os efeitos interlocutivos esperados no domínio e manejo da língua pelo estudante. Nessa direção, é que apostamos, com base nas discussões que trouxemos para este trabalho, que as abordagens enunciativas de Benveniste e Ducrot, deslocadas para o estudo do texto, configuram-se como produtivas referências teórico-metodológicas para o professor que ambiciona fazer seu aluno enxergar a língua como um processo intersubjetivo, produtor de sentidos, instância em que a argumentação é construída e não um mero instrumento formal. Talvez seja fundamental nós, professores de língua portuguesa, deslocarmos a pergunta, formulada por Saussure ao linguista, para o ensino: o que estamos fazendo, ao ensinar língua, em sala de aula? Como os fundamentos saussurianos podem alicerçar um ensino de língua materna centrado na língua em emprego e que relacione texto e gramática? As respostas a essas questões poderão produzir efeitos importantes em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARBISAN, Leci. Uma proposta para o ensino da argumentação. In: **Letras de Hoje**, v. 42, nº 2, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 111-138.

- _____. A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.21, n.34, jan/jun. 2014. p.102-111.
- BENVENISTE, Émile (1966) **Problemas de lingüística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. (1974) **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- DUCROT, Oswald. Lingüística, enunciación, discurso. Conversación con Ducrot. Argentina: **Revista Punto de vista**, n. 21, agosto de 1984. p. 23-26. Entrevista concedida a Marcelo Sztrum.
- _____. **Polifonia y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- _____. (1997). A pragmática e o estudo semântico da língua. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 40, n. 1, p. 9-21, março de 2005.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). Por que ainda ler Saussure? In: **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo, Parábola, 2013.
- KNACK, Carolina. Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2012.
- NORMAND, Claudine. **Convite à Linguística**. Claudine Normand: Valdir do N. Flores e Leci B. Barbisan (Orgs.). Tradução de Cristina de C. V. Bircket al. São Paulo: Contexto, 2009.
- ONO, Aya. **La notion d'enonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand. (1916) **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.

Submetido em 29/07/2016

Aceito em 12/10/2016